

Limite e Transgressão: Os caminhos que levam de Ártemis a Afrodite

*Flávia Regina Marquetti**

Abstract: The current article discusses the border between Aphrodite's and Artemis' domain. Together, they have an intersection point that joins and separates two moments in man's life and, above all, in woman's life, that is, sexuality.

Key words: mother goddess, fertility, limits, border.

O Limite

Limite, “linha de demarcação, real ou imaginária que separa dois terrenos ou territórios contíguos; parte ou ponto extremo, extremo longínquo, confim; momento, data, época; ponto que não se deve ou não se pode ultrapassar; fronteira” (Ferreira, 1986). Todas as definições apresentadas para o termo limite são pertinentes quando as ligamos a Ártemis e a Afrodite, uma vez que os domínios de ambas são contíguos e o ponto de interseção ou a fronteira real e, ao mesmo tempo, imaginária que separa esses dois momentos na vida do homem e, sobretudo, da mulher corresponde a um ponto extremo e longínquo, marcado por um perigo e uma interdição, mas que deve ser atingido e que abriga a transgressão.

Esse limite pleno de contradições e de contraposições é a ruptura no estatuto de virgem e aceitação do estatuto de mulher/mãe, abismo e ponte que separa e une duas etapas distintas e complementares do ser feminino e, que, inevitavelmente, enreda o masculino e a sociedade como um todo.

Diáfano e permeável, como o hímen ou o véu que cobre a jovem ninfa, o limite entre Ártemis e Afrodite é tênue, ambas são senhoras de espaços onde a terra e a água se confundem. As ondas de Afrodite invadem as terras baixas e alagadiças de Ártemis, esses baixios, de contornos imprecisos e perigosos, que tanto podem ser fonte de morte, como de vida, são os territórios pertencentes a ambas, ou seja, a sexualidade.

Ártemis e Afrodite compartilham traços que as ligam à fertilidade e a fecundidade do homem e da natureza, bem como à morte e a destruição. Se Afrodite é, reconhecidamente, a senhora do sexo, do desejo erótico, que incita e leva à cópula; Ártemis, em sua versão mais arcaica, está ligada às deusas da fertilidade do Oriente próximo, como *Ma*, uma deusa porca, reprodutora, polimástica¹ (Devereux, 1990:195).

A dupla face de Ártemis é explicitada quando se volta a atenção para a estátua da deusa encontrada em Éfeso, cujo culto é mantido desde o século VII a.C., passando pelo período helenístico e romano. A imagem apresentada aos fiéis de Éfeso não é a da jovem caçadora, mas sim a de uma deusa semelhante às asiáticas, ligada à fecundidade e com

*Pesquisadora do Núcleo de Estudos Estratégicos (NEE) - UNICAMP

¹ Os animais polimásticos são os que apresentam quatro pares de mamas ou mais, como a porca, e são ligados às deusas da fertilidade devido ao grande número de crias e de filhotes que dão durante o ano, segundo nos informa Devereux (1990:195), sua ligação com as deusas e os ritos de fertilidade é que os tornam tabu nas religiões patriarcais, como a judaico-cristã e a mulçumana.

afinidades cretenses. Essa face fecunda é atestada pelo grande número de seios/testículos² que a deusa traz no peito, bem como pelas cabeças de touro que revestem a parte inferior de suas vestes, e as abelhas que ladeiam sua coroa em forma de torre, assim como o corpo da deusa³.

A Ártemis representada nessa estátua de Éfeso conjuga o lado negro – cor apresentada em seu rosto, mãos e pés – e que a associa ao ctônico, à terra, ao desconhecido e perigoso mundo dos mortos e das sombras; ao lado brilhante – o ouro que reveste seu corpo e adornos, é a fecundidade/fertilidade pela qual ela é responsável. Como a Deusa Mãe, Ártemis exige, em seus ritos de renovação da natureza, o sacrifício de seu consorte, o touro, cuja virilidade é ofertada para promover a fecundidade da deusa. A ligação de Ártemis com o touro verifica-se no epíteto *Tauropole*, empregado para ela. Da mesma forma que os sacrifícios de touros/bois feitos à tríade Leto/Ártemis/Apolo em Xanthos. Percebe-se que o domínio sobre o touro é também um privilégio da Senhora dos Leões, a imagem do touro é sugerida pela Ártemis-Lua, que é chamada *Díqueros*, *que tem dois cornos*, ou *Tauróquerus*, *de cornos de touro*. Os cornos taurinos são um elemento essencial da simbólica lunar e da dialética macho/fêmea que lhe é própria (Triomphe, 1989:320), basta lembrar dos cornos de consagração, ou cornucópia da fortuna, vertendo alimentos e ouro. Aproximando Ártemis ainda mais da Deusa Mãe, verifica-se a presença de um sumo-sacerdote eunuco (o *Megabyze*) em Éfeso, responsável pelo direito de asilo e pela introdução dos fiéis junto à deusa. O caráter eunuco de seu sacerdote é estranho aos gregos e demonstra a ligação da deusa com o oriente, da mesma forma que Afrodite. Segundo Pseudo-Heráclito, citado por Triomphe (1989:314), haveria um acordo tácito entre o *Megabyze* e a natureza feroz da deusa, sendo muito mais que um empréstimo às tradições asiáticas e babilônicas da castração, pode-se considerá-lo como um costume ou rito no qual as tradições dos dois continentes se reencontram numa simbiose greco-asiática. De qualquer forma, Ártemis assume tanto os contornos da *Potnia* terrível, como os da Mãe benéfica e fecunda⁴. Além disso, Ártemis é a deusa *courótrofa* e a que preside os partos, ela é a que *faz parir*, indicando sua ligação com as fontes do nascimento e crescimento dos rebentos e filhotes. A face de Ártemis, protetora dos partos, guarda ainda outro limite, não só o da passagem da jovem ninfa a mulher/mãe, mas também, e principalmente, o que

² Pesquisadores como Triomphe (1989:cap.V), Seiterli (1979:3-16), Fleischer (LIMC.:762-3) entre outros, aventam mais de uma possibilidade para os elementos representados no peito da Ártemis de Éfeso. Dentre eles encontram-se: seios; testículos de touros sacrificados à deusa em seus ritos de mistério para a renovação da natureza, como relata Calímaco; bem como ovos de avestruz. Nas três hipóteses, o simbolismo da fecundidade permanece inalterado, pois os seios estão ligados ao aleitamento/nutrição; os testículos à pujança viril da reprodução e os ovos ao germe da vida.

³ As abelhas presentes no corpo da Efésia estão voltadas para os seios/testículos plenos de mel. Estabelecendo um paralelo entre o leite, o esperma e o mel, observa-se que os três possuem um suco vital e estão acondicionados em “invólucros” de formas circulares, arredondadas – semelhantes a pequenos sacos cheios de seiva (testículos, seios, alvéolos de abelhas), eles possuem uma forma e um conteúdo concretos permutáveis na imaginação antiga, eminentemente dialética e dinâmica: o segredo da vida está na turgidez e na maturação do fruto; mas entre o avolumar da seiva e a maturação, a fecundação e o aleitamento, há um limite a transpor. O mel como o casamento, é preparado por uma virgem que se serve do aguilhão como Ártemis do arco (TRIOMPHE, 1989:320).

⁴ Na Grécia um culto à Ártemis Sapo é bem difundido nas regiões lacustres ou pantanosas, como em Delos, segundo Pierre Lévêque (Université du Besançon, comunicação pessoal, 1995), os pântanos ou lagos representam os limites presididos pela deusa, ao passo que a imagem do sapo se alia à da deusa em decorrência de seu veneno, usado pelos caçadores para envenenar suas flechas. A Ártemis Sapo é a deusa dos limites perigosos e das setas envenenadas que levam a morte aos homens, mas também a que protege o caçador e o auxilia em sua tarefa.

permite a entrada da criança no mundo. O útero, como as conchas e o sexo, se inscreve no universo alagadiço, marinho e lunar guardado por Ártemis e Afrodite⁵.

Em contra partida, encontramos em Afrodite traços da Senhora dos Animais, como Ártemis ela é também uma *Potnia Thérôn*. No Hino I a Afrodite, de Homero, o aedo nos informa sobre o prazer que a deusa encontra entre as feras selvagens ao percorrer as terras não cultivadas (Homero, *Afrodite* I vv.68-74). Ainda nesse hino, versos 173-5, o termo usado para designar a face de Afrodite, após unir-se a Anquises, é *pareia*, que no jogo sonoro/etimológico, aproxima face de serpente. No Hino III dedicado à Afrodite, Homero designa-a *Medéousa*, a que reina, a soberana dos homens e das feras, criando estreita relação entre Afrodite e Medusa, uma das Górgonas, a que incarna o terror e a morte no seu olhar terrível e nos cabelos de serpente. Em um só termo o poeta conjuga as duas faces de Afrodite: a da Mãe protetora, que promove a fertilidade e cuida e a da Mãe terrível que, se olhada de frente, leva à morte, a da Senhora do sexo prazeroso e fertilizador e a da Senhora do sexo infrutífero, da impotência, da castração. Tal qual Ártemis, Afrodite é uma Senhora da morte, dos abismos e da imobilidade.

Ctônicas, benéficas, ligadas à fertilidade/fecundidade da terra e do homem, ou vingativas, levando a morte e a destruição, o mundo regido por essas duas Senhoras se completa e se opõe. Ártemis, virgem e caçadora, é a deusa dos espaços abertos, da vida selvagem e livre do jovem até que este atinja a puberdade; Afrodite, bela e sedutora, é a Senhora do espaço “fechado” e acolhedor do tálamo, da união, a que preside a passagem de virgem a mulher, de menino a homem. Dois lados da mesma moeda, opostas, cada qual ocupa uma posição extrema, mas fundidas em um todo indissolúvel – o ciclo da vida e a sua regulamentação dentro do grupo social.

A Transgressão

Sob o sol da canícula, marcado pela elevação de Sírio no céu e sua paixão abrasadora por Opôra, a estação dos frutos, tem lugar o sacrifício de Ifigênia em Aulis⁶.

Os Cantos Círios apresentam o sacrifício de Ifigênia a Ártemis como o ponto culminante de um ciclo, Agamenão prometera a Ártemis sacrificar-lhe o mais belo produto do ano em que lhe nascera a sua filha Ifigênia e não o fizera; quando da partida dos gregos para a guerra de Tróia, a deusa impede o deslocamento da frota com uma calmaria, só liberando os navios após o sacrifício de Ifigênia.

Nessa versão evidencia-se os poderes de deusa fertilizadora de Ártemis, mais que a virgem arqueira, ela é aqui a deusa a quem se oferecem os melhores produtos da colheita, correspondendo, dessa forma, às deusas ctônicas ligadas a fertilidade/fecundidade.

Ifigênia é cobrada em sacrifício por Ártemis quando a jovem está em idade de se casar, ou seja, madura para a colheita, como o fruto; esse dado é igualmente importante para referendar a interseção dos territórios de Ártemis e Afrodite. Como ocorria em Pafos e Corinto, as jovens púberes ofereciam sua virgindade a Afrodite, prostituindo-se aos estrangeiros nos templos consagrados à deusa do amor. Assim, Ifigênia é levada para fora de seu lar e de sua terra natal para ser, supostamente, entregue a um homem, Aquiles.

⁵ ELIADE, M. 1991:cap. V.

⁶ JUAN, F. Euripide. Tome VII ¹: *Iphigénie à Aulis*. Paris: Les Belles Lettres, 1983. P. 59 – nota 3.

Aulis, situada no ponto mais extremo do território grego antes de Tróia, é o limite geográfico entre o mundo civilizado e o desconhecido/selvagem, é nessa fronteira que se dará a degola/violação da jovem. Segundo Triomphe (1986:206) e Sissa (1987:16) ocorre na substituição da degola pela defloração uma condensação tardia que sobrepõe à garganta da virgem sacrificada a boca do sexo deflorado. A etimologia nos auxilia nessa correlação: à boca, *stoma*, corresponde a boca inferior, *stoma uterin*, vulva; existindo na tradição antiga uma representação entre as duas aberturas do corpo feminino como intercambiáveis, daí a mulher ser um símile da serpente, da víbora, que devora o macho na hora da cópula: as duas bocas são simétricas e possuem sincronia.

A degola de Ifigênia à Ártemis corresponde a uma ação limítrofe, pois é no extremo da selvageria, morte de uma vítima humana com derramamento de sangue, que se instaura o civilizador, o ritual estabelece preceitos e normas para esta ação, bem como, é realizado em prol de um grupo organizado, uma sociedade. A morte de Ifigênia é em tudo similar ao sacrifício das primeiras espigas do milho, do trigo, ou dos filhotes dos animais, todos consagrados às deusas ligadas a produção da terra pela ocasião da colheita – período da canícula.

Ártemis, tal qual Afrodite, exige do grupo sua parte na colheita. A virgem, que será substituída pela corça no minuto extremo, serve de modelo heróico civilizador, pois ao fazer com que todos os guerreiros voltem os olhos para longe do altar onde seria sacrificada, aterrorizados com o bárbaro espetáculo, estabelece, juntamente com Ártemis, a fronteira entre o civilizado e o selvagem.

Em Ifigênia é Ártemis que avança sobre o território de Afrodite, em Hipólito é a deusa do amor que vem arrebatá-lo das mãos de Ártemis a honra/fruto devido.

Hipólito ao se recusar à troca, união sexual, representa um perigo para o grupo, manter-se casto, ligado apenas a Ártemis, é romper a espiral cíclica da vida: nascimento, reprodução e morte. O que faz surgir a outra face da deusa do amor, a face vingativa e colérica da *Potnia Thérôn*, é como Senhora da morte que Afrodite arremessa suas ondas contra os rochedos de Ártemis e coloca diante das éguas, que conduzem o carro de Hipólito, o touro branco enviado por Posidão.

Hipólito, preso nas rédeas, é arrastado num laço inextricável, esmagando a cabeça nos penhascos e lacerando as carnes. A cena de morte de Hipólito conjuga o feminino e o masculino numa oposição complementar, na qual os limites entre Afrodite e Ártemis se confundem⁷. O jovem tem seu carro puxado por éguas, e não cavalos, marcando a primazia do feminino. É atado, enredado pelas rédeas, que Hipólito é arrastado pela força feminina. Ele, de condutor, aquele que impõe sua vontade sobre os animais, passa a “conduzido”, rebeldes à sua vontade, as éguas o obrigam a unir-se/sacrificar-se à terra, banhando esta com seu sangue, como o fizeram antes dele outros touros, consortes das Deusas Mães, como Dioniso e/ou o Minotauro. Essa união/sacrifício, sob a égide de Afrodite, junto ao mar, ocorre na fusão de vários limites: do mar e da terra; de Atenas, o mundo civilizado, e do desconhecido, do selvagem, do que não possui governo ou regras, situado fora das fronteiras da cidade; e ainda o limite temporal, entre a infância e a idade adulta. Hipólito recusou-se a seguir o caminho que leva de Ártemis a Afrodite, incorrendo, assim, na

⁷ O nó, o cinto e o laço são símbolos do feminino e de sua capacidade de gerar, apanágios de várias deusas, sobretudo de Afrodite, que ao desatá-lo gera nova vida. Na peça de Eurípedes ocorre uma inversão desses valores, a deusa que incita a criação, a vida, preside a morte; o laço, agora preso ao masculino, é atado, apertado, levando Hipólito à imobilidade e à morte. Cf. : MARQUETTI, 2001, cap. I

negação do conjunto formado por ambas – a vida. Sua transgressão aos preceitos ditados pelas duas deusas e sua morte/punição servem de baliza aos demais membros do grupo.

Nos mitos de Ifigênia e Hipólito é perceptível o confronto entre esses dois mundos complementares, a alternância entre Ártemis e Afrodite transforma a transgressão e sua punição em rito de passagem. Espelhados, eles revelam o jogo perigoso da existência: vida e morte, desejo e gozo; bem como as regras que os regulam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque. Histoire des mots*. Paris: Ed. Klincksieck, 1980.

DEVEREUX, George. *Mito e Mulher*. Campinas: Papirus, 1990.

ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos. Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

EURIPEDES. *Iphigénie à Aulis*. Trad. François Jouan. Paris: Les Belles Lettres, 1983.

EURIPEDES. *Hipólito*. Trad. Carlos Miralles. Barcelona: Bosch, 1977.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia grega e Romana*. Trad. Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

HOMÉRE. *Hymnes*. Trad. Jean Humbert. Paris: Les Belles Lettres, 1967.

JUAN, F. Euripide. Tome VII¹: *Iphigénie à Aulis*. Paris: Les Belles Lettres, 1983

MARQUETTI, Flávia Regina. *Da sedução e outros perigos. O mito da Deusa Mãe*. Araraquara, 2001. Doutorado, Estudos Literários – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP.

SISSA, Giulia. *Les corps virginal*. Paris: Vrin, 1987.

TRIOMPHE, Robert. *Le lion, la vierge et le miel*. Paris: Les Belles Lettres, 1989.

Resumo: O presente artigo discute a fronteira existente entre os domínios de Afrodite e de Ártemis, contíguos, eles possuem um ponto de interseção que une e separa dois momentos na vida do homem e, sobretudo, da mulher, a sexualidade.

Palavras-chave: Deusa Mãe, fertilidade, limite, fronteira
